

MEMÓRIAS INTERCULTURAIS E AS CRÔNICAS  
SOBRE EGITO E SUDÃO NA *REVISTA MODERNA*:  
*MAGAZINE BRASILEIRO* EM 1898

INTERCULTURAL MEMORIES AND CHRONICLES  
ABOUT EGYPT AND SUDAN IN *MODERN*  
*MAGAZINE: BRAZILIAN MAGAZINE IN 1898*

Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly<sup>1</sup>  
Luciana Marino Do Nascimento<sup>2</sup>  
Liliane Faria Correa Pinto<sup>3</sup>

---

1 Professor Associado no Departamento de Língua Portuguesa da Aswan University.

2 Professora Titular – Classe E da Universidade Federal do Acre em exercício no Departamento de Ciência da Literatura/UFRJ – Faculdade de Letras.

3 Professora Adjunta de História na Universidade Federal do Maranhão.

**Resumo:** O artigo analisa o conceito de memória intercultural identificado nas crônicas sobre o Egito e o Sudão publicadas na *Revista Moderna: Magazine Brasileiro* em 1898. Algumas são crônicas de viagem, especialmente a que se refere ao Egito, e outras são narrativas sobre a ocupação do Sudão e adjacências pelos ingleses. Ao ler os textos, optamos por lançar mão da análise do discurso e do conceito de memória intercultural para discutir as percepções desses cronistas portugueses sobre o Egito e o Sudão.

**Palavras-chave:** memória intercultural, entrelugar, crônica.

**Abstract:** The article analyzes the concept of intercultural memory identified in the chronicles about Egypt and Sudan published in *Revista Moderna: Magazine Brasileiro* in 1898. Some are travel chronicles, especially the one referring to Egypt, and others are narratives about the occupation of Sudan and surrounding areas by the British. Reading the texts, we chose to make use of discourse analysis and the concept of intercultural memory to discuss the perceptions of these Portuguese chroniclers about Egypt and Sudan.

**Keywords:** intercultural memory, inbetween, chronic.

# 1 Considerações iniciais

Nesse artigo discutimos o conceito da “memória intercultural” na elaboração das crônicas de viagem da *Revista Moderna: Magazine Brasileiro*. A memória intercultural se refere às lembranças “involuntárias” de experiências que partem do contato entre múltiplos universos culturais chamados “multiversos” em situações, tais como viagens e famílias híbridas, e em estudos interculturais, como análises interdisciplinares de educação bilíngue, das relações internacionais, dos estudos comparados, das traduções etc. (ELGEBALY, 2012).

A memória intercultural se manifesta no *interdiscurso* (ORLANDI, 2005) a partir de uma linguagem heterogênea que mistura códigos verbais e não verbais e se expressa em imagens, aromas, sabores, sons, texturas, explorando e evocando os cinco sentidos daquele que vivencia o contato e guarda uma memória. Essas memórias interculturais são vistas em filmes, desenhos animados, programas de televisão, novelas, reportagens de revistas e jornais, discursos, isto é, pelos meios de comunicação de massa, desde pelo menos o século XIX, que podem atender a diversas esferas sociais como a família, a religião, a política etc.

A memória intercultural passa por um processo de três fases: a primeira é a de diferentes *universos em tensão*, a segunda é a dos *universos paralelos*, que acontece quando a tensão diminui e se convive de forma tolerante com o outro, e a terceira é o

*entrelugar dos universos misturados* por meio do diálogo, da aprendizagem mútua, da cooperação e das hibridações entre os diferentes (SANTIAGO, 1979; ELGEBALY, 2012).

Aqui analisamos o percurso da formação da memória intercultural em certas crônicas sobre o Egito e o Sudão na *Revista Moderna*. O periódico era quinzenal, publicado na Europa — em Paris e em Lisboa — e enviada para o Brasil regularmente. Pertencia ao brasileiro Martinho Botelho, que em seu primeiro número apresenta o projeto:

*A Revista Moderna*, fundada com capitais próprios e realizados, impôs-se o dever de criar um novo tipo de publicação, satisfazendo, ao mesmo tempo, a educação artística do meio a que se destina e a necessidade de uma informação completa e ilustrada, sobretudo o que, atualmente, interessa o espírito público. (BOTELHO, 1897, p. 2)

Para essa inovação, era uma revista ilustrada e se pretendia, diferente das demais produzidas no mercado editorial daquele momento, explorando as imagens juntamente com as crônicas, “um completo magazine pela variedade dos assuntos e uma ilustração de primeira ordem pelo cuidado e profusão de desenhos” (BOTELHO, 1897, p. 2). Tinha por um de seus objetivos também estreitar os laços entre Brasil e Portugal. Alguns nomes importantes da literatura se dedicaram ao periódico, como Eça de Queiroz, que publicou nele *A ilustre casa de Ramires* em folhetim. Em 1897 e 1898,

foram publicadas as cinco crônicas sobre o Egito e o Sudão nos volumes 8, 19, 21, 24, 25. Assim, os textos tematizaram muito bem o imaginário mítico, como foi o caso dos seguintes textos: “Do Cairo ao Luxor”, “A batalha de D’Atbara”, “A vida íntima do Khediva”, “A tomada de Kartoum” e “Os franceses no Nilo”. A primeira, volume 8, nos conta sobre uma viagem de um dos cronistas da revista ao Egito. A terceira crônica, volume 21, descreve a vida de Khediva Abbas Hilmi Paxá. A segunda, a quarta e a quinta, volumes 19, 24 e 25, falam sobre as campanhas inglesas para a reconquista do Sudão.

Destacamos que os propósitos das revistas eram voltados para demandas geralmente econômicas, políticas ou sociais, sempre com o objetivo de moldar, formatar, evidenciar e proferir discursos para atender a determinados fins. Nesse sentido, mediante as crônicas dos exemplares da *Revista Moderna*, teremos a condição de entender um pouco da riqueza cultural e social do Oriente/Egito e Sudão, porém ainda vinculada ao imaginário da concepção estereotipada imperialista dessas culturas milenares. Em “Do Cairo ao Luxor” e “A vida íntima do Khediva”, o cronista é Miguel de Lencastre. Nuno Miguel de Almada e Lencastre nasceu em 1880 em uma abastada família da nobreza portuguesa. Era neto do quarto Visconde de Vila Nova de Souto de El-Rei, mas seu pai não era o primogênito e nunca chegou a receber o título (INVENT.ARQ, 2021). Sua viagem

ao Egito, provavelmente, foi parte de sua formação como um jovem nobre dos oitocentos. Desde o século XVIII, era comum à nobreza a realização de uma viagem, conhecida como *Grand Tour*, para os países do Mediterrâneo. Mais tarde, no século XIX, as viagens se destinavam ao Oriente Médio e à África, e, entre os itinerários, estava o Egito (SALGUEIRO, 2002). Ao final do século XVIII, com a ocupação francesa e poucos anos depois a inglesa, a egiptologia começou a ser esboçada e, em meados do século XIX, já fazia parte dos estudos do que denominaram como Oriente. É importante ressaltar que os olhares lançados pelos viajantes estrangeiros sobre o Egito constroem um imaginário que não corresponde à identidade que os egípcios tinham de si no século XIX e essas abordagens não nos permitem conhecê-los, apenas observar como os turistas percebiam os egípcios, o que também permeou a visão do escritor português Eça de Queiroz, quando assistiu à inauguração do Canal de Suez, na sua viagem ao Egito em 1869.

Esses viajantes buscavam, principalmente, o Egito Antigo que visitavam por meio de uma espécie de pacote turístico da agência de Thomas Cook que guiava os turistas aos templos e às ruas medievais da cidade do Cairo (HAZBUN, 2016). A viagem de Lencastre, em 1895, se espelha nesses parâmetros turísticos. Visitou a capital, conheceu o Khediva e vivenciou o percurso do Cairo a Luxor. A partir dessa experiência, escreve as duas crônicas da *Revista Moderna*.

## 2 O olhar exotizante/glocal na crônica “A vida íntima do Khediva Abbas Pacha”

O exótico permeia a construção de um imaginário em torno do Oriente e essa primeira impressão se apresenta na fase inicial do contato na memória intercultural. Ela está no conflito entre universos tensionados pelo encontro e pelo que se espera no outro. E o olhar *glocal*, do diálogo entre o local e o global de Lencastre, vai permeando o percurso da formação dessa memória na medida em que ele conecta universos paralelos ao se identificar com os ideais políticos do Khediva.

## A vida íntima do Khediva

Da Alexandria a Sidj-Djebel de um e outro lado, só se descobrem belas habitações, elegantes khalkas, blocos de construção recente no momento em que rapidamente crescem os escombros. De Sidj-Djebel, um caminho de ferro do póssimo vagão vai partir para Aboukik. Momento depois já em marcha atravessa-se duas seções, sendo aqui o ali aparecem casas formadas de gigantescos pilares de pó magistramente, sobre um solo arenoso, com alguma coisa de melancolia na sua estrutura. Então o caminho de ferro pára, depois de ter passado as estações de Hunkh, n'uma gare elegante e limpa. O trajeto, dura trez quartos de hora. E aqui, n'estes sitios isolados e solidos que fica Montazah nome do Khediva Hilkob Hilmy Pacha passa uma grande parte do anno.

Montazah é uma propriedade immensa que ha uns sete ou oito annos era completamente arida e formada de pequenas dunas. Mas actualmente a sua rapida transformação é já bastante visivel e o trabalho humano tem já feito prodigios. A d'ora passa da estacão fica a entrada da propriedade sendo um humilde khalka recebe saudando os visitantes que são por assim dizer quasi todos conhecidos visitas : funcionarios superiores, pachas, haddas, vassallos, e outros personagens soldados á casa do Khediva.

A entrada, abre-se diante do visitante uma larga rua ladeada de arbores e de postes servindo para a iluminação electrica e transmissao dos fios telephonicos que ligam entre si todas as dependencias de Montazah. D'esta rua outras partes em todas as direções. Ao fundo vém-se dois edificios, sobre o planalto, separados apenas por algumas centenas de metros. Sobre os orgãos terrestres fletos edíficos flutuam e pavilão khalki-estal annunciando a presença do soberano.

O edificio da esquerda, que é o maior e que se chama Haremlik é preservado ás milhõres. O da direita é reservado aos hennas. Um simples golpe de vista basta para

mostrar o que é Montazah e o visitante que aqui vem pela primeira vez, tem talvez razão de perguntar a si proprio se o Khediva habita realmente aqui. Porque tal e tal amplexo e conforto, o que sem dúvida ha grande honra a S. A. Hilkob Pacha quando se pensa na reputação dos principes de Otrinta cujo luxo immenso é proverbial. Quem visita o Egipto no momento da fabrica Ismail Pacha fletos deoito admirado de já não ver esse luxo fastuosos, que tão caro custou ao país, mas que podia rivalisar com os castros das M. e

uma noiva. O edificio destinado ao khediva e que se chama sikh-lik tem apenas cinco quartos e nem sequer tem sala de jantar. Isto é para ficar ocioso o dia de um velho pacha.

E verdade que uma immensa varanda sobre um terrasso de uma superficie de diversas decenas de metros, cercado por trez jalsos e sikhlik, pode vantajosamente servir de sala de jantar. Dahi descobrem-se um dos mais bellos panoramas da costa egypcia. A terra avança para o mar como um coqueiro que em grande dique-corta, formando um porto seguro. Ali, ancorado, está o yacht particular do Khediva, o *Sefia Bahar*, de linhas esveltas e finas. Na base do dique existe uma ilha ligada ao continente por uma ponte de ferro.

O mar estende-se, largo, até ao horizonte e ao longe avista-se, a este, os montes de vento de Aboukir e a oeste o pharos de Alexandria. Em dia de mar agitado, as vagas espumantes e impetuosas vêm sem cessar quebrar-se na praia. Contra o dique o arremejar das aguas forma verdadeiras cascatas, sem por isso inquietar *Sefia Bahar*. Nenhum outro real e não pertencem a edificio tão invejavel e estas paragens banhadas de sol, cheias da elegancia do coturno, sob a regalia do firmamento sempre azul. Ninguém vira interromper e cogitar, a moderação d'aquella que invoca através dos seculos as recordações historicas das gerações passadas, que esta villa e antiga terra de Phariois viu nascer e morrer.



S. A. Habbas Pacha Khediva do Egipto.

Figura 1: S. A. Habbas Pacha<sup>4</sup>, Khediva do Egipto.

Fonte: Lencastre, 1898.

A crônica “A vida íntima do Khediva” é sobre o regente Abbas Paxá (Figura 1) no período em que Lencastre esteve no país. O Egipto pertencia ao Império Otomano desde o início do século XVI, porém tinha certa autonomia, intensificada no começo do século XIX pela ação de Mohamed Ali<sup>5</sup>, quando se dá início

4 A escrita correta do nome é Abbas Paxá.

5 Mohamed Ali nasceu na Macedônia em 1769 e faleceu no Cairo em 1849. Chegou ao Egipto junto com os exércitos otomanos para combater os franceses. Tomou o poder em 1805 com apoio popular e forçou o Império Otomano

ao Quedivato. Em 1882, o cargo de Khediva se torna esvaziado de poder porque o país passa a ser administrado por um inglês nomeado pela coroa britânica. No início do século XX, depois da Primeira Guerra, a Inglaterra assume seu papel de colonizadora, destituindo o Khediva Abbas II em 1914 e constituindo um protetorado. A partir daí o Egito fica sob o comando de um sultão nomeado pelos ingleses, que era filho do antigo Khediva Ismail<sup>6</sup> e da dinastia de Mohamed Ali. Em 1922, a Inglaterra lança a “Declaração unilateral de independência do Egito” que garante aos olhos do mundo a independência egípcia desde que o sultanato fosse uma decisão anglo-egípcia. Na prática, a independência veio em 1954, depois que Nasser<sup>7</sup> assinou o “Acordo de Evacuação Britânica do Egito”.

---

a colocá-lo como governante. Recebeu, então, o título de Khediva no Egito e ficou como representante do sultão até 1848. Foi responsável por iniciar o processo de modernização do país (HOURANI, 2006).

6 O Khediva Ismail governou o Egito de 1863 a 1879. Por um lado, contraiu muitas dívidas que desestabilizaram a economia egípcia, por outro, desenvolveu políticas públicas para o avanço da agricultura de exportação, especialmente, na produção de açúcar e pela construção do canal de Suez, dando continuidade à modernização oitocentista iniciada por Mohamed Ali (ESCOLAS..., 1875; THOMPSON, 2019).

7 Gamal Abd Al-Nasser foi um governante militar egípcio que tinha uma postura nacionalista independentista contra a colonização europeia dos países árabes e africanos. Nacionalizou o canal de Suez em 1956. Foi um dos fundadores do Movimento Não Alinhado durante a Guerra Fria em 1961 (HRBEK, 2010).

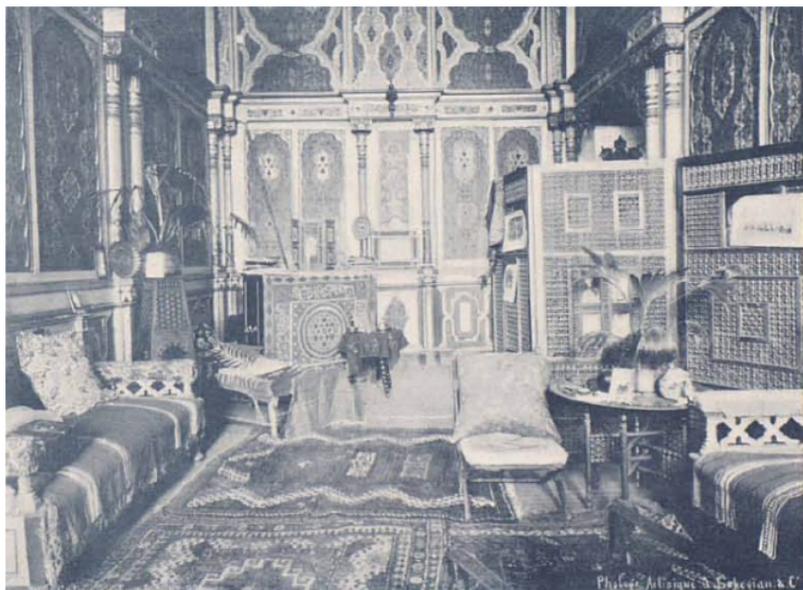


Figura 2: O “fumeur” do Khediva, no seu palácio de inverno no Cairo.

Fonte: Lencastre, 1898.

Em uma espécie de biografia de Abbas II Hilmi Paxá, nosso cronista narra o cotidiano do monarca nas edificações que habitava (Figura 2), com cada uma de suas atividades. Descreve o caminho do Cairo a Alexandria para chegar a Montazah, o palácio do Khediva na costa mediterrânea egípcia, com vista para o mar e uma grande área agricultável, edificações e jardins (Figura 3). O *Montaza Palace* tem dois edifícios: *Haremlik*, para mulheres, que é mais luxuoso, e *Sèlamlik*, para homens, mais simples. Lencastre destaca que o palácio, *Sèlamlik*, é modesto em contraste com o que ele afirma ser o Khediva Ismail com seu “luxo faustoso”.

Observa que não há sala de jantar e que o monarca recebe seus convidados no enorme terraço que dá vista para o Mediterrâneo. Aqui a memória intercultural manifesta-se a partir de uma linguagem heterogênea, que misture o texto da crônica com a imagem que guarda o tipo de olhar no contato entre as culturas. E diante disso, a *Revista Moderna* apresenta as fotografias e os desenhos que possibilitam ao leitor esse contato visual com as descrições das crônicas.

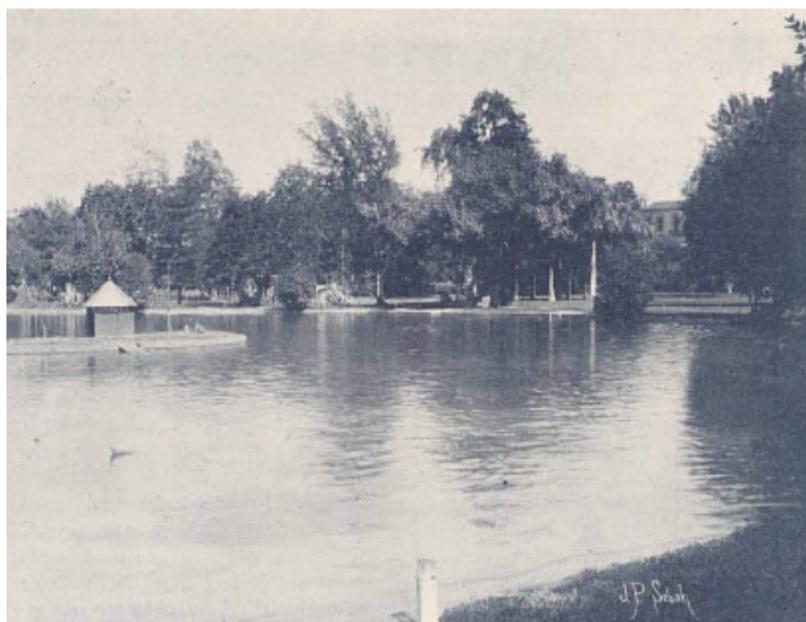


Figura 3: O Parque e o Lago em Montasal<sup>8</sup>.

Fonte: Lencastre, 1898.

---

<sup>8</sup> Na ilustração da crônica estava escrita a palavra *Montasal* erroneamente para se referir ao bairro *Montazah* na cidade de Alexandria, no Norte do Egito.

Lencastre comenta sobre como e onde o monarca recebe seus convidados, os modos de servir à mesa e a atenção dada aos estrangeiros. Em contraposição aos banquetes servidos pelo Khediva Ismail, particularmente, o da inauguração do canal de Suez, em que o menu era composto por pratos da cozinha francesa e seus cozinheiros foram trazidos da Europa especialmente para o evento ('COOKLET'..., 2019), o cardápio de Abbas Paxá II era uma mistura de pratos franceses e aqueles que Lencastre chamou de turcos, mas que provavelmente eram pratos típicos da culinária árabe, já que o Khediva nasceu em Alexandria. Nesse trecho, há uma preocupação do cronista em ressaltar a erudição e a educação de Abbas Hilmi aliadas à manutenção das tradições locais, em comparação com as críticas tecidas ao Khediva Ismail, que era considerado “perdulário” e “europeizado” (QUEIROZ, 1905). Em relação ao Khediva Ismail, ele representa na historiografia egípcia contemporânea o precursor da construção da sociedade civil moderna. Em suas ações, procurou construir um estado nacional egípcio livre inspirado nos modelos de estados nacionais ingleses e franceses. Porém, foi envolvido nas táticas do imperialismo e acabou por endividar o país (ALAYOUBI, 1922).

A observação de nosso cronista sobre a ponderação de Abbas II e sua vinculação com os costumes do Oriente sem, contudo, negar a educação europeia, o que confere ao monarca um caráter de superioridade em relação aos outros líderes do Oriente que se deixaram levar pela influência do Ocidente. O fato dele ser educado

como os europeus e não negar suas origens parece ser considerado por Lencastre como um comportamento adequado. Podemos analisar essa consideração sobre dois aspectos: o primeiro diz respeito à necessidade de ser educado segundo os moldes europeus, isso significa que o português acredita que há uma superioridade nessa educação. O segundo se contrapõe aos princípios do imperialismo na medida em que valoriza o conhecimento local e as tradições do país.

Sobre esse segundo aspecto, podemos ressaltar as considerações do inglês Evelyn Baring, *the Earl of Cromer*, o Cônsul-geral da Inglaterra no país de 1876 a 1907. Ele conta como foi o processo de ascensão do Khediva e sua primeira impressão acerca do príncipe:

Imediatamente depois de sua chegada, o Khediva confirmou os ministros no escritório. Na minha primeira entrevista com ele, ele me impressionou favoravelmente. Em 21 de fevereiro, eu escrevi ao Lord Salisbury: 'Eu vejo que esse jovem Khediva vai ser bem egípcio'. Isso deu o tom do que se seguiu<sup>9</sup>. (CROMER, 1915, p. 4, tradução nossa)

Nessa biografia do Khediva, Cromer o considerou anglofóbico, não a princípio, porque inicialmente ele

---

<sup>9</sup> "Immediately after his arrival, the Khedive confirmed the Ministers in office. At my first interview with him he impressed me favorably. On February 21, I wrote to Lord Salisbury: 'I see that the young Khedive is going to be very Egyptian'. This gave the keynote of what was to follow".

Lord Salisbury era o Primeiro-Ministro inglês no momento de ascensão de Abbas II e o Consul-Geral inglês reportava suas impressões diretamente a ele. Salisbury tinha uma postura conservadora e imperialista (AL-SUBAIY, 1980).

o entendia apenas como “turcofóbico”, o que para a Inglaterra era interessante economicamente, porém, ao defender os interesses do povo egípcio, ele se tornou anglofóbico na concepção do Consul-Geral inglês. Abbas II demonstrou algumas vezes que não concordava com as propostas da Inglaterra para o seu país e resistiu à política e à ocupação britânica. Isso não quer dizer ser anglofóbico, apenas contrário às práticas imperialistas da Grã-Bretanha. Lencastre, pelos seus comentários acerca da antipatia dos *ladies e gentlemen* ingleses, comungava com o egípcio de certo incômodo com o comportamento britânico. Esse mesmo olhar é retratado por Eça de Queiroz em sua obra *Os ingleses no Egito*, que ressalta os desmandos dos colonizadores para com o povo. Portugal também sofreu com o imperialismo inglês que oprimiu a economia portuguesa, estabelecendo um processo de dependência por meio de dívidas e de relações comerciais desfavoráveis e ainda tentava controlar suas possessões africanas (FERREIRA; DIAS, 2016). Nesse sentido, a escolha pela biografia de Abbas II Hilmi Paxá vem corroborar com os pensamentos políticos do grupo da revista que se opunha criticamente ao imperialismo inglês, como Eça de Queiroz e Lencastre.

O autor fecha a crônica com as afirmações do Khediva sobre as formas de governo:

O Khediva que presidia disse então: ‘Há muito que penso no melhor regimen governamental para todos os povos. Tendo em consideração a fraqueza humana e

penetrando-me bem d'este princípio, que um homem embora de gênio pode estar sujeito a erros, cheguei à convicção que é necessário que uma lei exista fixando os direitos e deveres de cada um.' (LENCASTRE, 1898)

Em concordância com o Khediva, Lencastre ressalta a inteligência, a bondade e a modéstia do monarca que representava uma força contrária à tirania inglesa. Cabe ressaltar que nesse momento havia no Egito um tribunal para europeus e outro para egípcios, sendo que esses últimos sempre eram prejudicados pelas decisões nos litígios entre colonizadores e colonizados (HOYLE, 1987).

Por fim, o olhar de Lencastre é eurocêntrico porque valoriza um ideal europeu de educação e costumes, porém não aceita as práticas imperialistas, principalmente, as britânicas. O eurocentrismo traz a exotização do Egito e de seu líder político que, na crônica de Lencastre, convive com um sentimento de valorização da cultura local, numa perspectiva de contraposição entre o global e o local. Aqui a memória intercultural toma uma forma híbrida — *glocal*: uma junção da visão local e da global cosmopolita.

### 3 Universos paralelos e misturados na memória intercultural nas crônicas sobre Sudão

Os universos paralelos na construção da memória intercultural correspondem às culturas em contato que convivem paralelamente, sem se misturarem, porém,

esse encontro distanciado não permanece porque os indivíduos, por meio da experiência intercultural, acabam por trocar elementos culturais e isso leva a uma mistura desses universos culturais paralelos.

Na segunda etapa da formação da memória intercultural confluem, de modo paralelo, o universo do olhar do cronista português e o universo sudanês, como encontramos nas narrativas dos volumes 19 e 24, que tratam das batalhas no Sudão, a derrota inglesa e depois sua vitória e a crônica do número 25, que relata o incidente de Fachoda, confronto diplomático ocorrido entre franceses e ingleses naquela cidade sudanesa, hoje denominada Kodok (CANUEL, 2017). As etapas da formação da memória intercultural acontecem de modo misturado. Na mesma crônica podemos detectar duas etapas: a dos universos em choque e a dos universos paralelos, como observamos nos textos sobre o Sudão. Elas têm em comum, algumas vezes, um olhar neutro descritivo da realidade sudanesa e, em outras vezes, uma visão colonial imperialista.

As crônicas seguintes se referem ao embate dos ingleses com os sudaneses e os franceses. São relatos do empreendimento inglês na África e o esforço para manter e explorar os recursos oferecidos por esses territórios. Os autores são E. Jordano e C. Jordano que se dedicam ao tema do Sudão e Xavier de Carvalho que discute a disputa com os franceses. Na crônica “A Batalha D’Atbara” há uma confusão em relação à autoria, na capa da revista aparece E. Jordano e no

final da crônica, C. Jordano. Ambos escrevem para a revista. Não foi possível identificar realmente se cada crônica pertence a um dos autores ou se foi um erro de impressão, porém, pelo tema tratado nas duas crônicas sobre o Sudão, o mais provável é o explicitado no levantamento feito por Cinthia Pinheiro em sua tese de doutorado. Ela aponta que C. Jordano escreve “O Perigo Amarello y Echos do littoral”, na edição nº16, e E. Jordano seria responsável pelas crônicas “A Batalha D’Atbara” e “Tomada de Khartoum” (PINHEIRO, 2012).

Já Xavier de Carvalho foi identificado como José Francisco Xavier de Carvalho, português, nascido em Lisboa em 3 de janeiro de 1861. Desde os dezesseis anos, costumava escrever em diversos periódicos com seu nome e pseudônimos. Viveu em Paris quase toda a sua vida e faleceu naquela cidade em 1919. Segundo Prune Iris Catteau, ele “participou no desenvolvimento das relações luso-francesas e conseguiu dar a conhecer a literatura e a cultura portuguesas em Paris. O seu percurso admirável influenciou os simbolistas, os acadêmicos e os jornalistas parisienses” (CATTEAU, 2019, p. 12). Na *Revista Moderna*, escreve sobre os episódios do comandante Marchand em Fachoda, no Sudão, datados de 1898. Nessa expedição, iniciada em 1897 (KRAMER; LOBBAN JUNIOR; FLUEHR-LOBBAN, 2013), o francês chegou ao Nilo e atingiu a localidade sudanesa de Fachoda. Havia um tenso acordo entre ingleses e franceses sobre a região que supostamente deveria manter as forças militares francesas longe da área da

atuação britânica. Como os ingleses eram colonizadores do Egito e haviam retomado o Sudão há pouco tempo, os franceses não poderiam chegar à cidade de Fachoda. Porém, quando os ingleses subiram o rio Nilo, encontraram a expedição de Marchand, que estava acampada nas proximidades da cidade. Esse momento ocasionou diversos problemas diplomáticos entre a França e a Inglaterra que foram resolvidos com o recuo francês e o descolamento das tropas de Marchand, com o intuito de evitar um conflito armado entre as duas potências europeias (SPENCER-CHURCHILL, 1898; IBRAHIM, 2010).

Para Xavier de Carvalho (1898, p. 40), “a África é hoje o campo aberto das grandes lutas. Senão veja-se quantos acontecimentos sensacionais, n’estes últimos meses, tem ali tido lugar!”. Considera também o continente como “virgem”. Esse território é palco das ações de Marchand, que ele cita como um grande herói. Faz uma pequena biografia do comandante francês, ressaltando a sua origem humilde, mas que com muito esforço garantiu um lugar na Escola Naval. Foi para a missão na África para atingir as margens do Nilo e ali como um bravo sofreu, “estivera entre a vida e a morte, padecendo todos os horrores da fome, da sede, do calor esbazeante e mortífero, lutando aqui com os animais ferozes, mais adiante com tribos de negros piores do que tigres e sempre arcando com todo os perigos como um herói” (CARVALHO, 1898, p. 40). Depois de descrever as manobras francesas e inglesas, finaliza a crônica com uma crítica ao imperialismo:

A epidemia do imperialismo cresce a olhos vistos e contaminou *Downing street* e foi ela que determinou a imposição de Lord Salisbury a França. Todos os homens d'estado e tão para além da Mancha infeccionados de jingoísmo, desde Chamberlain<sup>10</sup>, o primeiro de todos, até Rosebery<sup>11</sup>. A Inglaterra ficou vitoriosa, mas o horizonte da Europa está carregado de nuvens prenes de tempestade! (CARVALHO, 1898, p. 40)

Xavier de Carvalho afirma que o exagero do nacionalismo levará a Europa a enfrentar graves problemas. O cronista teceu uma boa análise dos fatos e o nacionalismo realmente levou à Primeira Grande Guerra.

Sobre o Sudão, Jordano faz uma narrativa acerca da reconquista da região por parte dos sudaneses em 1885, com a queda do comandante britânico, Gordon Paxá, morto pelos Mahdistas. Eles eram os soldados sudaneses islâmicos nacionalistas que acreditavam estar lutando pela salvação do Sudão e do povo, guiados por um homem iluminado e que seguia o caminho justo de Deus.

Por um lado, Patrícia Teixeira Santos estuda o mahdismo sudanês (SANTOS, 2013) e afirma que foi o líder sudanês chamado “Muhammad Ahmad Ibn Allah, considerado Mahdi (O bem guiado), que construiu, em 1885, uma série de políticas de alianças com os povos

---

10 Joseph Chamberlain nasceu em 1836 e faleceu em 1914. Era um político britânico de tendência liberal radical, opositor ao Lord Salisbury, mas que, por fim, atuou aliado aos conservadores com estratégias imperialistas (BRAY, 2015; GARVIN, 1932).

11 Archibald Philip Primrose foi o quinto Conde de Rosebery. Nasceu em 1847 e faleceu em 1929. Foi primeiro-ministro inglês em 1894 e 1895. Era um político liberal que deu continuidade à política imperialista de Lord Salisbury (ARCHIBALD..., 2023).

do Sul e do norte do Sudão e que impôs pesados limites às presenças otomana, egípcia e inglesa” (SANTOS, 2012, p. 142).

Por outro lado, Richard Gray (1971) estuda o sul do Sudão e afirma, a partir do seu olhar britânico, que eles não desenvolveram um nacionalismo regional que abarcasse a maioria da população e diferenciavam-se nos sudaneses do norte por professarem diferentes religiões, entre elas a fé cristã, e se agruparem em inúmeras tribos que nem sempre concordavam entre si. Para Gray, a luta mahdista contra o imperialismo britânico, mesmo diante tentativa de união dos diversos grupos do sul e do norte contra os invasores, primeiro os otomanos/egípcios e depois os ingleses/egípcios, não foi eficiente o bastante para estruturar uma resistência que fosse capaz de enfrentar as forças europeias.

Em geral, há uma diferença de abordagem nos estudos interculturais anglo-saxônicos e os ibero-americanos sobre o Egito e o Sudão, tomados aqui sem as especificidades de cada autor. As teses críticas iberoamericanas consideram a colonialidade do saber misturado das elites locais, como apresentam Eça de Queiroz, em algumas de suas obras críticas ao imperialismo, e, mais recentemente, Aníbal Quijano e Boaventura Souza de Santos, em teorias acerca da decolonialidade. Em contrapartida, as teses segregacionistas anglo-saxãs de Richard Gray (1971) e Eve Troutte Powell (2003) justificam o olhar colonial em suas análises históricas nacionalistas das relações entre o Egito e o Sudão e simplificam os impactos da

situação colonial turca-otomana e britânica em ambos os países e sua influência na formação das elites locais e da sua geopolítica. Nesse sentido, o olhar ibero-americano preocupa-se com a complexidade das interações e misturas envolvidas na colonialidade no Egito e no Sudão, hoje independentes, porém na sua construção contemporânea sobrevivem articulações e reproduções do colonialismo britânico. É importante entender, a partir de uma visão do pensamento social crítico iberoamericano, que a influência do colonizador se perpetua nos comportamentos das elites locais e o modo como eles percebiam os colonizados é reproduzido depois das independências dentro do país e com as populações mais empobrecidas. Corroborando com essa perspectiva, o historiador estadunidense Pierre Crabitès explica o que ele compreendeu do Mahdismo no Sudão:

Há uma tradição no Islã de que em algum momento aparecerá na terra um Mahdi, cuja vinda converterá o mundo à fé muçulmana. Em agosto de 1881, um homem chamado Mohammed Ahmad proclamou aos sudaneses, que no norte são todos maometanos, que ele era o Mahdi que eles esperavam. Ele era de sua carne e sangue. Nascido entre eles, ele havia sido aprendiz de seu tio, um construtor de barcos em Sennar, mas cedo na vida ele entrou em uma escola religiosa em Cartum. Sua missão, conforme explicado em suas várias proclamações, era conquistar o Sudão para sua causa, depois marchar contra o Egito, derrubar os turcos heréticos e converter o mundo inteiro<sup>12</sup>. (CRABITÈS, 1924, p. 321, tradução nossa)

---

12 *“There is a tradition in Islam that some time there is to appear on earth a Mahdi, upon whose coming the world will be converted to the Muslim faith. In August 1881, a man named Mohammed Ahmad proclaimed to the Sudanese,*

Essa leitura é a que faziam os ingleses do movimento Mahdista e, de certo modo, é compartilhada na crônica portuguesa, porém com algumas diferenças. Para os imperialistas, especialmente os anglo-saxônicos, o contato com o outro se dá na primeira fase de construção da memória intercultural, com os universos em tensão. Já os portugueses, nas crônicas sobre o Sudão, caminham da primeira fase para a segunda, em que os universos se tornam paralelos, para finalizar a crônica exaltando o passado glorioso dos sudaneses anterior à presença europeia, numa perspectiva que remete aos universos misturados da terceira fase da memória intercultural. Presente no imaginário que Isabel Pires de Lima discute em “Oriente entre dois séculos” (2003):

Nós éramos os civilizadores, portadores para o Oriente de uma cultura renascentista colhida a Ocidente. Por isso a perda da independência, em 1580, na sequência de Alcácer-Quibir, é vivida ao nível do imaginário coletivo também como a perda trágica de uma oportunidade histórica singular de levar o Ocidente ao Oriente, com uma consequente e inevitável consciência de decadência nacional (LIMA, 2003, 131).

Nesse sentido, o sofrimento vivido pelos sudaneses mahdistas acessa uma memória intercultural quando

---

*who in the north are all Mohammedans, that he was the Mahdi whom they were expecting. He was of their flesh and blood. Born amongst them, he had been apprenticed to his uncle, a boat builder at Sennar, but early in life he entered a religious school at Khartum. His mission, as explained in his various proclamations, was to gain over the Sudan to his cause, then to march against Egypt, overthrow the heretical Turks, and convert the whole world”.*

os cronistas misturam o sentimento que têm sobre a identidade portuguesa, especialmente, quando se referem ao sentimento de decadência nacional causada pela morte de d. Sebastião, e o associam com a identidade sudanesa, manifestando o *entrelugar* dos universos misturados em um *interdiscurso*.



Figura 4: O chefe Mahmoud. Aprisionado pelo exército anglo-egípcio na batalha d'Atbara.

Fonte: Carvalho, 1898.

Xavier de Carvalho narra a retomada do Sudão pelos ingleses com o “exército anglo-egípcio”, que ele descreve como um exército de negros. A vitória britânica contra os Mahdistas acontece no ano de 1898, por meio das batalhas de Atbara e de Kartoum (Figura 4). Ambas as crônicas tratam do mesmo tema e a narrativa delas é sequencial. O comandante inglês assassinado é

reverenciado como um herói e os sudaneses são abordados como cruéis e oportunistas. O cronista ressalta a bravura dos soldados do Sudão, mas chama-os de bárbaros e, ao exaltá-los como guerreiros, ele aumenta o feito inglês, especialmente, nas ações táticas do general Kitchener<sup>13</sup> responsável pela vitória.

A princípio, as crônicas sobre o Sudão refletem o imperialismo inglês e descrevem a retomada da cidade como se as terras sudanesas fossem originalmente inglesas, sem discutir o sentido da luta do exército de Mahdi. O Mahdi é um símbolo que representa a crença em um indivíduo nascido para guiar a humanidade para o caminho de deus, que no caso seria a religião muçulmana, e cujo sentido é salvar as pessoas da opressão da ausência de fé. No Sudão, o Mahdi, enquanto um símbolo, foi associado ao nacionalismo islâmico contra o imperialismo. A tentativa de manter o controle do país no período entre 1885 e 1898 representa o início desse nacionalismo sudanês que culminaria com sua independência do domínio da Grã-Bretanha em 1956, mas continuou economicamente dependente do capital externo e sob grandes instabilidades políticas (FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO, 2010). Por ser o Mahdismo um projeto religioso nacional, não considerou a grande diversidade de

---

13 Horatio Herbert Kitchener nasceu em 1850 no sul da Irlanda e faleceu em 1916. Foi um militar inglês que atuou na África e na Índia durante os processos de ocupação das colônias britânicas afro-asiáticas. Foi uma das lideranças armadas do exército imperialista inglês. Faleceu durante a Primeira Guerra em um navio na costa escocesa (ARTHUR, 1920).

crenças e etnias no Sudão. Esse sentimento de nação acabou se tornando sectário e ameaçando a unidade do país. Isso provavelmente também corroborou com o fim do Mahdismo naquele momento, como o cronista destacou: “O Mahdismo não existe mais” ou “Está completamente exterminado o poder do Mahdi” (JORDANO, 1898, p 776). Por um lado, Jordano ressalta os esforços dos ingleses em manter seu poder na região como uma vitória da civilização, mas não observa as vantagens dessa manutenção em um território cheio de recursos naturais como o Sudão. O empreendimento britânico foi eficiente até meados do século XX. Por outro lado, Jordano (1898, p. 776) finaliza sua narrativa com uma curiosa consideração que contradiz todo o conteúdo de ambas as crônicas.

Não existe mais essa bela cavalaria do profeta montada em fogosos corcéis, que alerta e guerrilheira defendia sem fanatismo as margens do legendário Nilo. Athabara, Kartoum, Fachoda e outros grandes centros do Sudão egípcio livres e entregues ao comércio do deserto, não tardarão a recuperar essa pitoresca animação que fará naturalmente lembrar a era florescente e glorioso do governo do califa e seus emirs. (JORDANO, 1898, p. 776)

Ele exalta o exército de Mahdi como uma “bela cavalaria”, mencionada também em outra passagem como uma “cavalaria derviche”, e enaltece as investidas desses sudaneses na proteção do território. Em seguida, afirma que livres, em uma proposta comercial anterior à presença europeia denominada como

“comércio do deserto”, os sudaneses vão recuperar os tempos passados que ele considera gloriosos. Ou seja, o cronista ao mesmo tempo em que reproduz o discurso civilizatório britânico considera os sudaneses donos de uma história gloriosa e de uma honrada jornada pela defesa de sua região e sua cultura. Com essa afirmação, ele fecha a narrativa contrapondo-se aos ingleses como o próprio Lencastre, mas é preciso ler toda a crônica para perceber a intenção de não valorizar a política britânica e a identificação com os sudaneses e sua luta na perspectiva de decadência nacional de Isabel Pires de Lima (2003). Esses elementos estão presentes nas entrelinhas do discurso, o que pode se caracterizar como a terceira fase da formação da memória intercultural.

Nessa terceira etapa, os universos são misturados. A identidade se constrói em um processo de negociação das diferenças nos interdiscursos. Ressaltamos que, por meio das narrativas de feitos heroicos ou não, os indivíduos moldam a sociedade em que vivem, de modo que os espaços e as imagens que se fazem daquele lugar, bem como dos que ali residem, são traduções dos discursos. O Sudão torna-se, então, uma terra gloriosa e os árabes muçulmanos Mahdistas heróis de uma narrativa que mistura uma bravura de tendência medieval com um nacionalismo oitocentista, ou seja, mistura a imagem do Sudão com aquilo que os portugueses conhecem como parte de sua própria história. Orlandi afirma que “a linguagem não é transparente, os sentidos não são

conteúdos. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz” (ORLANDI, 2005, p. 53). Dessa maneira, a linguagem é vista como uma prática de sentidos que vão tomando formas, contornos e construindo-se diante de um momento real, por uma perspectiva ideológica. Podemos dizer que a linguagem é um processo criador que organiza as experiências do cotidiano. E assim, o sujeito vai se constituindo na interação com o outro, tanto nas histórias documentadas como nas orais e, no caso das crônicas, cria um novo Sudão e um novo Portugal que se encontram numa memória intercultural que emana do Sul (SANTOS; MENESES, 2010).

#### 4 O olhar colonial e o olhar viajante na Crônica “Do Cairo ao Luxor”

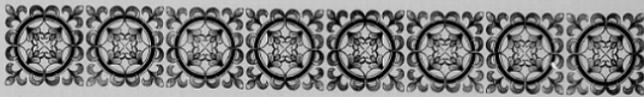
“Do Cairo ao Luxor” é um relato de viagem em forma de crônica do português Miguel de Lencastre que contrapõe o olhar colonial e o do viajante. Seu encontro com o Egito passa pelas três fases da formação da memória intercultural. Primeiro, ele manifesta a tensão do encontro com o diferente, em seguida, começa a se interessar pelas características até então exóticas desse povo e lugar para, por fim, defender os templos egípcios do seu colonizador. E, nessa última fase, Lencastre cria uma memória intercultural que lhe permite estabelecer laços com o Egito que antes da experiência da viagem não era possível.

Num primeiro momento, o cronista retrata o Egito e o seu povo como eles comumente figuram no imaginário, na literatura etc., como um espaço fantástico, que durante séculos enalteceu fortemente os deuses e o faraonato, ou seja, um lugar com histórias lendárias cujas origens vêm das narrativas e contos épicos de personagens que lutavam em favor de um propósito que iam ao encontro das aspirações nacionais africanas. Entretanto, muito do que se fala de um lugar está envolvido por influências históricas, políticas, econômicas e artísticas, de modo que não podemos endossar todos esses discursos, sem ao menos questionar algumas das representações criadas, haja visto que muitas delas são culturalmente inventadas para atender a um propósito.



Figura 5: Uma ‘dahabieh’ – barco do Nilo.

Fonte: Lencastre, 1897.



## DO CAIRO A LUXOR



UANDO o barco a vapor da agência Cook largou do caes, perto da Ponte de Kas-el-Nilo e magestosamente subiu pelo *rio sagrado* na direcção de Memphis, um suspiro de allivio, quasi de prazer, saiu do meu peito até então suffocado e opprimido.

Ja pois estar livre, por algum tempo, dos cocheiros, dos burriqueiros, dos mendigos e dos engraxadores!... Porque o Cairo é uma cidade terrivel, insupportavel, onde a exploração do *touriste* se transformou n'uma escandalosa perseguição, n'um verdadeiro e ininterrupto martyrio!

Ao sair de casa, antes de dar um passo, sento-se a gente rodeada de uma população suja, que nos barra o caminho, nos falla n'uma lingua barulhenta em que ha palavras vagamente francezas, inglezas ou italianas, e que no meio 'de uma grande confusão e gritaria, nos offerece toda a sorte de coisas, desde os refrescos mais repugnantes, até aos serviços mais correntes e humildes. E enquanto se recusa um collar d'amber, uns sapatos, ou um pastel, se afasta o homem que quer mostrarnos um macaco amestrado, se empurra o burriqueiro que nos elogia o seu burro, se repelle o mendigo que nos implora e nos insulta, sente-se que alguém nos agarra as pernas, nos arrogna as calças e nos engraxa as botas, apezar dos nossos violentos protestos e graças á nossa immobildade forçada, no meio de todo este grupo esfarrapado.

E logo após toda esta gente que levou uma hora a perseguir-nos com os seus offereci-

mentos, leva outra hora a pedir-nos a esmola d'alguns *bachiches*, isto é d'algumas piastras.

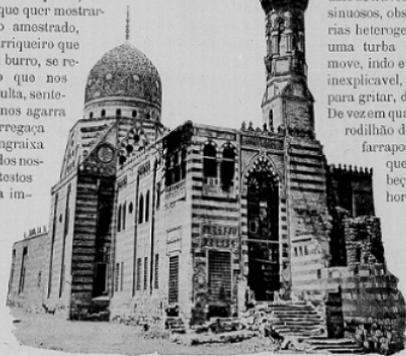
A paciencia mais paciente acaba por revoltar-se contra este commercio insolito e não é raro ser necessario recorrer á bengala, para abrir caminho atravez da banda dos importunos.

Estas scenas não têm logar, verdade é, nos bairros europeus da cidade, em Ismailich e Ezbékch, mas esses pouco interesse offerecem ao *touriste* — alinhados, bordados de passeios e de arvores, com construçôes limpas á europea, com avenidas espaçosas e jardins que lembram os *squares* de Londres ou de Paris.

Para onde logo o viajante que chega ao Cairo, corre na sua ancia d'impressões d'Oriente, é para o bairro arabe apertado e tortuoso, descendo aos trambolhões pela encosta desde a cidadella á orla do deserto.

Mas lá o seu enthusiasmo é substituido por uma desagradavel surpresa. Como passear n'este dedalo de travessas e becos estreitos, sinuosos, obstruidos de mercadorias heterogeneas e apinhados de uma turba que lentamente se move, indo e vindo, n'um passeio inexplicavel, parando somente para gritar, descompor ou bater? De vez em quando tropeça-se n'um rodilhão de farrapos e logodos farrapos sac o grito agudo que faz meio, uma cabeça negra que ineute horror! Nos farrapos havia um mendigo arabe dormindo accorrido no meio da calçada!

Em torno do viajante europeu, um sequito de garotos seminús, com os



CAIRO. — Túmulo do Sultão Barkuk.

Figura 6: "Do Cairo a Luxor": Cairo – Túmulo do Sultão Barkuk.

Fonte: Lencastre, 1897.

Na crônica “Do Cairo ao Luxor” (Figura 6) tecem-se comentários sobre a cidade do Cairo, que chama de “terrível” e “insuportável”. Comenta que a população é “suja”, a língua é “barulhenta” e os refrescos oferecidos são “repugnantes”. Nota-se que o uso dos adjetivos é uma característica indicada pelos psicolinguistas como forma de violência verbal na comunicação entre culturas (ROSENBERG, 2006). Considerando que a publicação do texto data do final do século XIX, provavelmente essa linguagem violenta provém da visão eurocêntrica da cidade e da cultura.

Nessa época, a modernidade europeia de matriz francesa trouxe a Belle Époque para o circuito do mundo ocidental a par de outros ideais estéticos. Nesse caso, há um impacto visual no cronista que demonstra certa imaturidade no contato com o outro, porém é preciso ressaltar a juventude de Lencastre que tinha quinze anos quando viajou para o Egito e dezoito anos quando a crônica foi publicada.

Sua maior insatisfação está na presença dos pedintes, vendedores e prestadores de serviço que, segundo ele, parecem persegui-lo. As crianças mendicantes são descritas como doentes, cheias de moscas e “com a boca lambuzada de doce de tâmaras”. Aqui, Lencastre provavelmente viu crianças comerem um tipo de tâmara processada, que se assemelha a um doce de fruta seca. Quando a tâmara está bem madura, elas são agrupadas em uma massa para preservá-las e poderem ser consumidas. Esse doce é chamado no Egito de “عجوة (aaagua)” mas é diferente das

tâmaras de Medina, na Arábia Saudita, que são conhecidas como “ajwa”, cuja sonoridade da palavra é semelhante, porém essas tâmaras sauditas têm a coloração negra e não se parecem com o doce prensado. E, nessa passagem, comer o fruto da tamareira, compreendido pelos egípcios como um alimento nutritivo quase completo era, para essas crianças egípcias oitocentistas, um elogio e um símbolo de fartura, apesar do autor manifestar aí sua indignação com a estética desses meninos e meninas. Ressalta que ao mesmo tempo que o incomoda é exatamente “no bairro árabe apertado e tortuoso” que ele afirma estar o interesse dos turistas europeus, inclusive o dele próprio, em contraposição aos bairros europeizados. Relata o encontro desastrado com um mendigo: “De vez em quando tropeça-se num rodilhão de farrapos e logo dos farrapos sai um grito agudo que faz medo, uma cabeça negra que incute horror! Nos farrapos havia um mendigo árabe dormindo acocorado no meio da calçada!” (LENCASTRE, 1898). Observa o mercado e aponta a diversidade de produtos distribuídos sem ordenação em bazares dispostos lado a lado com alfaiates, barbeiros, ferreiros e outros artesãos. Finaliza suas impressões com a descrição de uma mulher vestida de negro, cujo vulto é “gracioso”, com o rosto coberto e que caminha por “este labirinto das coisas e dos seres!” Aqui se revela, no interdiscurso, o imaginário orientalista do feminino d’*As mil e uma noites*.

Nessa sua primeira impressão sobre o Cairo árabe, Lencastre apresenta certo desgosto pelo que vê, porém

é possível perceber também, nas entrelinhas de sua escrita realista por um lado e impressionista por outro, uma curiosidade que o fizeram reter as minúcias das cenas que presenciou. As ruas, as pessoas, o mercado e seus produtos e serviços, os vendedores e mendigos são todos descritos com detalhes. Aqui o contato com o outro expressa a diferença e Lencastre exalta a si mesmo ao dizer que o turista europeu curioso e com força de vontade vai se interessar pelo bairro árabe que ele define como “pitoresco”. Se ele próprio viu todos os lugares é porque o que o impeliu foi a “vontade”. E ao identificarmos a vontade do viajante em conhecer e presenciar a cultura do outro, podemos perceber que o cronista caminha na segunda fase da formação da memória intercultural.

Há, ainda, presente no discurso uma exotização do país ao relacioná-lo implicitamente às *Mil e uma noites* numa expectativa de encontrar elementos da obra na vida cotidiana dos egípcios, porém essa busca acaba por se frustrar ao se deparar com um país depreciado pelos longos anos de exploração colonial. E, nesse momento, há uma identificação do cronista com o povo egípcio e a consolidação da memória intercultural numa terceira fase de aprendizagem mútua e compreensão da dor do outro.

Na segunda parte da crônica “Do Cairo ao Luxor”, a escrita evolui e com ela se desenvolve a formação da memória intercultural. O viajante sobe o rio Nilo de barco para chegar a Luxor. Este era um percurso

comum no século XIX realizado pela Agência de Thomas Cook, mas hoje está em desuso. Descreve o universo egípcio observado, como os barcos, a vegetação, a noite, o céu, a paisagem e as pessoas que vê durante o trajeto (Figura 5). Das cidades antigas, menciona Mênfis, Abidos, Denderá e Luxor. Sobre Denderá, o cronista tece comentários acerca da presença inglesa,

Neste lugar, cuja imponência incute o respeito pelas coisas sagradas d'outrora, uma agência inglesa instalou mesas provisórias mas bem fornecidas, onde antipáticas *miss* e antipáticos *gentlemen* banquetavam com ruído. Não se pode levar mais longe o desrespeito e a profanação! (LENCASTRE, 1898, p. 31)

Sua indignação com os “antipáticos” ingleses indica certa insatisfação não especificamente com os ingleses, mas com a política britânica no Egito e em Portugal, que sofre com os acordos econômicos com a Inglaterra. Nessa leitura, a partir da discussão sobre o orientalismo português de Isabel Pires de Lima (2003), Lencastre mistura olhares e reproduz a perspectiva crítica e irônica de Eça de Queiroz acerca do imperialismo britânico sobre o Oriente (ELGEBALY, 2020).

Aqui a formação da memória intercultural perpassa pela narrativa construída para se legitimar uma posição política e, ao mesmo tempo, para impedir que surjam outras capazes de questionar o poder vigente. No entanto, devemos recordar que “a força dos instrumentos postos em ação para impor uma disciplina, uma ordem

ou uma representação (do poder, do outro ou de si mesmo) sempre deve confrontar-se com os rechaços, distorções e artimanhas daqueles e daquelas a quem se pretende submeter.” (CHARTIER, 1996, p. 8-9). Nesse estágio, destacamos que os processos identitários de uma nação envolvem, em primeiro lugar, imaginários como construção das mais diversas representações sociais e culturais. Além disso, é por meio de um processo cultural que um povo se constitui, integra e identifica nas narrativas (HALL, 2005). Também, nessa fase, o discurso nunca é neutro e sempre expressa o ponto de vista de uma determinada sociedade ou grupo, conforme postulou Volóchinov (1929-2017). Diante disso, entendemos que o fenômeno ideológico se materializa na interação verbal entre indivíduos socialmente organizados. Dentro dessa concepção, para o teórico “a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 32). Assim, ao analisar as crônicas da *Revista Moderna*, vislumbramos quais discursos formataram o estereótipo de cultura egípcia rotulada, por vezes, como fantástica e mística, e as relações estabelecidas com o imaginário externo, influenciado pelos textos do livro *As mil e uma noites*.

Segundo Said (1979), o Orientalismo é uma invenção do ocidente, envolto a uma áurea de mistério, sobretudo quando estudamos a história do Egito. Entretanto, não

é errôneo mencionar que essa diversidade discursiva é em grande parte ficcionalizada, já que muito do que se conta sobre o Egito é mera representação de uma sociedade. E essas fortunas ficcionais são distantes das relações históricas e econômicas ali existentes, não tanto por causa da realidade, mas por razões estritamente simbólicas. Essas histórias têm interferido na forma de pensar os povos africanos, principalmente, o egípcio e o sudanês, tratados como sociedades misteriosas.

Podemos observar a formação da memória intercultural no contexto de viagem na escrita memorialista do cronista Miguel de Lencastre quando ele aponta do texto “Do Cairo a Luxor”:

eu adormeço agora e vagamente medito, quase em sonho, n’esta viagem pelo Nilo acima, e, vagamente também, penso aos Faraós poderosos, aos santos da Thebaida, aos crocodilos sagrados que não vi, às virgens sacrificadas, à Antinoüs... e aos ingleses, que, profanando tudo, me proporcionam o inefável prazer de, confortavelmente, me deitar, *dormir... sonhar talvez...* (LENCASTRE, 1898, p. 21)

Essa passagem do autor nos traz a sensação de que ir ao Egito é viajar pelas memórias interculturais, tornando-as palpáveis na sua identidade que envolve misturas de culturas. É a experiência de tocar a poeira de vários monumentos milenares que hoje constituem documentos de culturas ancestrais, conectados por memórias interculturais intensas presentes em cada esquina das cidades egípcias.

Além disso, essa interculturalidade está se processando atualmente com o princípio das contradições pós-modernas entre o novo e o velho. Por exemplo, a crônica oitocentista era um instrumento de conhecimento para seus leitores contemporâneos e, hoje, os jovens egípcios estão com seus celulares conectados à internet, em busca de informações sobre outras culturas como Brasil e Portugal. O Egito Antigo se une à paisagem urbana com seu movimentado comércio com turistas em busca de lembranças e navios de cruzeiro atracados às margens do imponente Nilo.

Outro princípio de funcionamento dessas memórias interculturais é a imaginação processada pela ficção como as histórias d'*As mil e uma noites* nas crônicas. Para brasileiros e portugueses, esses monumentos significam imagens impressionantes tão revividas em livros de história como a figura mítica de Cleópatra, ou a narrativa de Agatha Christie — *Morte no Nilo*, que aconteceu no hotel *Old Cataract* em Aswan, ou ainda o imponente Palácio de Inverno, edifício que inspirou uma música que nos faz voltar aos anos de 1980: *Winter Palace from Arabian Nights, gems from the Golden age*.

Hoje em dia, dessas memórias interculturais, podemos derivar heranças compartilhadas entre duas ou mais culturas. Nesse sentido, a interculturalidade das memórias poderia contribuir para a aproximação simbólica dos povos nas relações internacionais e criar itinerários férteis para a promoção de um turismo significativo que pudesse integrar culturas. Por exemplo,

viajar para o Egito hoje é perceber que existem outras pessoas que moram lá; hospitaleiros e grandes admiradores do Brasil e de Portugal. Hoje, anfitriões dos sudaneses durante os conflitos. Além disso, pensar em decolonizar o Egito é ver sua agricultura irrigada em uma região desértica e a construção do novo Museu Egípcio, planejado para ser o maior do mundo. Recordar o Egito contemporâneo hoje é considerar que o futuro está batendo à porta, com a implantação de uma nova capital, cuja construção está em andamento, nos arredores do Canal de Suez, que abrigará grandes empresas de tecnologia e bens duráveis em seu entorno. Vale ressaltar que o Canal de Suez ainda sobrevive na memória intercultural dos brasileiros, soldados da década de 1950, que ali estiveram em missão de paz, junto com o Batalhão de Suez, por meio de um acordo de cooperação entre os governos Juscelino Kubitschek e Nasser. Essa memória intercultural continua viva no Rio de Janeiro, antiga capital, por meio da Associação Militar do Batalhão do Canal de Suez. Para além disso, o Egito se manifesta como patrimônio cultural da humanidade e advoga para si o título de “Mãe do Mundo”, fazendo referência à sua história como berço da civilização.

## 5 Considerações finais

Neste artigo, analisamos a formação da memória intercultural nas cinco crônicas escritas por

três escritores portugueses: “Do Cairo a Luxor” e “A Vida Íntima do Khediva” de Lencastre, “A Batalha D’Atbara” e “A tomada de Khartoum” de Jordano, e “Os Franceses no Nilo”, de Xavier de Carvalho. Utilizamos uma abordagem multidisciplinar para explicar essas crônicas: estudos da memória e a análise do texto e do discurso seguindo os postulados de Bakhtin, Eni Orlandi e Chartier.

É importante observar o conceito de memória intercultural na construção das crônicas. Ele é evocado em diferentes fases nas várias experiências e situações. Neste artigo, a interculturalidade está nos entrelugares de memória densa como as cidades egípcias. Encontramos um diálogo entre as referências transmitidas por alguns gêneros textuais como as crônicas de viagem nos jornais. Elas registram o surgimento do jornalismo no século XIX e o início da globalização em âmbito internacional. A memória intercultural é observável na visão portuguesa do imperialismo britânico na África em geral e especialmente no Egito e no Sudão. No contexto colonial, nas crônicas essa interculturalidade é tensionada no binarismo do discurso de “civilização” versus “barbárie” e do “oriental” versus “ocidental” (SAID, 1979). Na nossa análise, tentamos, a partir de uma abordagem decolonial, questionar a colonialidade do poder, do saber e do ser na relação entre o eu e o outro na tessitura da crônica e que se funda na estrutura social dependente dos discursos do eurocentrismo. Para Quijano (2005, p. 118):

A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados.

Em termos gerais, podemos dizer que o questionamento da colonialidade está relacionado com o processo de construção da memória intercultural. Essa relação opera nas crônicas analisadas com diferentes dinâmicas confluentes na sua formação desde sua fase de tensão, passando pela convivência e chegando até a fase das trocas e das misturas.

Na colonização se manifestam processos da composição da memória intercultural. A partir dela, podemos observar o contato entre colonizador e colonizado e verificar os processos de formação dessa memória, discussão que auxilia a superação das consequências impositivas da colonialidade, que afetam a identidade e as relações com o outro.

## REFERÊNCIAS

- ALAYOUBI, Al-Yas. *History of Egypt in the Period of Khedive Ismail Pacha*. Cairo: Egyptian Academy of Arab Language and Literature, 1922. Versão original em árabe em dois tomos.
- AL-SUBAIY, Abdullah Nasir. *Anglo-Egyptian Relations under Lord Salisbury, 1885-1892*. 1980. Dissertação (Doutorado em Filosofia) – Departamento de História, Universidade Estadual de Michigan, East Lansing, 1980.
- ARCHIBALD Philip Primrose, 5th earl of Rosebery. *Britannica*, London, 15 May 2022. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Archibald-Philip-Primrose-5th-earl-of-Rosebery>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- ARTHUR, Sir George. *Life of Lord Kitchener*. Londres: Macmillan, 1920. 1 v.
- BOTELHO, Martinho. Aos nossos leitores. *Revista Moderna*, Paris, ano 1, n. 1, p. 2, 1897.
- BRAY, Dominic Michel. *Joseph Chamberlain and Foreign Policy, 1895-1903*. 2015. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de História, Universidade de East Anglia, Norwich, 2015.
- CANUEL, Hugues. From a Prestige Fleet to the Jeune École: French Naval Policy and Strategy under the Second Empire and the Early Third Republic (1852-1914). *Naval War College Review*, Newport, v. 71, n. 1, p. 93-118, 2017.
- CARVALHO, Xavier. Os franceses no Nilo. *Revista Moderna*, Paris, ano 2, n. 25, 1898.
- CATTEAU, Prune Iris. Esboço biobibliográfico de José Francisco Xavier de Carvalho mediador cultural e literário em Paris de 1885 a 1919. *Reflexos*, Paris, n. 4, 2019. Disponível em: <http://revues.univ-tlse2.fr/reflexos/index.php?id=567>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- 'COOKLET' Part IV: The Transformative 19th Century. *Rawi: Egypt's Heritage Review*, Cairo, n. 10, 2019. Disponível em <https://rawi-publishing.com/articles/cooklet4/>. Acesso em: 15 out. 2021.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CRABITÈS, Pierre. Egypt, the Sudan and the Nile. *Foreign Affairs*, New York, v. 3, n. 2, p. 320-330, 1924.

CROMER, The Earl of: Abbas II. Londres: Macmillan, 1915.

ELGEBALY, Maged Talaat Mohamed Ahmed. Mobilidades culturais e alteridades em Relato de um certo oriente e sua pré-tradução árabe. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ELGEBALY, Maged. Travessias de Eça de Queiroz entre a inauguração do Canal de Suez e o começo literário. *Revista Anthesis*, Rio Branco, v. 8, n. 15, p. 1-19, 2020.

ESCOLAS Agrícolas. Agricultura. *Auxiliador da Indústria Nacional*. Agricultura, Rio de Janeiro, n. 43, p. 123-127, 1875.

FERREIRA, Diogo; DIAS, Paulo. *História de Portugal*. Lisboa: Verso da Kapa, 2016.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. *O livro na rua*: Sudão. Brasília, DF: Funag, 2010. (Diplomacia ao Alcance de Todos).

GARVIN, James Louis. The Life of Joseph Chamberlain. Londres: Macmillan, 1932. v. 1.

GRAY, Richard. The Southern Sudan. *Journal of Contemporary History*, New York, v. 6, n. 1, p. 108-120, 1971.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DPA, 2005.

HAZBUN, Waled. Travel to Egypt. From the Nineteenth Century to the Second World War: Thomas Cook, the Mechanization of Travel, and the Emergence of the American Era. In: LE BAILLY, Marie-Charlotte (ed.). *Red Star Line: Cruises (1894-1934)*. Luven: Infodok, 2016. p. 124-131.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOYLE, Mark. The Mixed Courts of Egypt 1926-1937. *Arab Law Quarterly*, Leiden, v. 2, n. 4, p. 357-389, 1987.

HRBEK, Ivan. A África Setentrional e o Chifre da África. In: MAZRUI, Ali; WONDJI, Christophe (org.). *História geral da África: volume 8: África desde 1935*. Brasília, DF: UNESCO, 2010.

IBRAHIM, Hassan Ahmed. Iniciativas e resistência africanas no nordeste da África. In: BOAHEN, Albert Adu (org.). *História geral da África: volume 7: África sob dominação colonial, 1880-1935*. 2. ed. rev. Brasília, DF: UNESCO, 2010.

INVENT.ARQ. *Lencastre, Nuno Miguel de Almada e (1880-1956)*. *Invent.Arq*, Lisboa, 2021. Disponível em: <https://inventarq.fcsh.unl.pt/index.php/lencastre-d-nuno-miguel-de-almada-e-1880-19>. Acesso em: 20 ago. 2021.

JORDANO, C. A batalha d'Atbara. *Revista Moderna*, Paris, ano 2, n. 19, p. 616, 1898.

JORDANO, E. A tomada de Kartoum. *Revista Moderna*, Paris, ano 2, n. 24, p. 775-777, 1898.

KRAMER, Robert *et al*; LOBBAN JUNIOR, Richard; FLUEHR-LOBBAN, Carolyn. *Historical Dictionary of the Sudan*. Lanham: Scarecrow, 2013.

LENCASTRE, Miguel de. A vida íntima do Khediva. *Revista Moderna*, Paris, ano 2, n. 21, p. 690-692, 1898.

LENCASTRE, Miguel de. Do Cairo a Luxor. *Revista Moderna*, Paris, ano 1, n. 8, p. 237-243, 1897.

LIMA, Isabel Pires de. Oriente literário entre dois séculos. *Cadmo*, Lisboa, n. 13, p. 129-146, 2003.

ORLANDI, Eni. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

PINHEIRO, Cíntia Bravo de Souza. Entre dois tempos, entre dois mundos: uma revista Luso-brasileira chamada *Moderna* (1897-1899). 2012. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

POWELL, Eve Troutt. *A Different Shade of Colonialism: Egypt, Great Britain, and the Mastery of Sudan*. Berkley: University of California Press, 2003.

QUEIROZ, Eça de. Os ingleses no Egipto. QUEIROZ, Eça de. In: *Cartas de Inglaterra*. Porto: Livraria Chardron de Lello e Irmão, 1905. p. 127-208.

QUIJANO, Anibal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

- ROSENBERG, Marshall. *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. Trad. de Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006.
- SAID, Edward. *Orientalism*. Londres: Penguin, 1979.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, Patrícia Teixeira. *Fé, guerra e escravidão: uma história da conquista colonial do Sudão (1881-1898)*. São Paulo: Unifesp, 2013.
- SANTOS, Patrícia Teixeira. Reflexões sobre o ensino colonial em África: trajetórias da instituição escolar no antigo Sudão (1889-1952). *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 139-155, 2012.
- SPENCER-CHURCHILL, Lieutenant Winston. The Fashoda Incident. *The North American Review*, Cedar Falls, v. 167, n. 505, p. 736-743, 1898.
- THOMPSON, Jason. *A History of Egypt: From Earliest Time to the Present*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2019.
- VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].